

# Desenvolvimento emocional na transexualidade: da ruptura patologizante ao matiz da criação e verdade subjetiva<sup>1</sup>

## *Emotional development in transsexuality: from the pathologizing rupture to the nuance of creation and subjective truth*

João Paulo Zerbinati<sup>2</sup>

Maria Alves de Toledo Bruns<sup>3</sup>

**Resumo:** A transexualidade é um fenômeno que ultrapassa a barreira mecânica do ser e do existir, sobretudo, no que diz respeito à sexualidade e ao gênero. Muito discutido na literatura internacional, seja pelo viés biológico, médico ou das ciências humanas, tal fenômeno dimensiona a importância do cuidado físico e mental para promoção de qualidade de vida. Neste artigo pretendeu-se compreender os aspectos ligados ao desenvolvimento emocional na transexualidade. Para isso, analisou-se a vivência do primeiro transexual brasileiro, João Nery, através da psicanálise de paradigma pós-winnicottiano. O mundo vivido de João Nery é uma caminhada árdua em busca de si-mesmo. Seus dilemas, conflitos, desejos, sonhos, paixões, sofrimentos, lutas e alegrias desvelam uma postura espontânea com a identidade sexual e de gênero. A transexualidade aqui compreendida apresenta horizontes de disponibilidade à criação, de matizes originais e à ruptura com as sólidas estruturas da cishetonormatividade. No horizonte trans, de viés subjetivo, da ruptura patologizante ao matiz da criação, a transidentidade pode representar um processo subjetivo, criativo, de busca da constituição do verdadeiro *self*.

**Palavras-chave:** Transexualidade; Desenvolvimento emocional; Psicanálise; Winnicott.

### **Abstract:**

Transsexuality is a phenomenon that goes beyond the mechanical barrier of being and existing, especially with regard to sexuality and gender. Much discussed in the international literature, whether from a biological, medical or human science perspective, it scales the importance of physical and mental care to promote quality of life. This article intended to understand the aspects related to emotional development in transsexuality. For this, it analyzed the experience of the first Brazilian transsexual, João Nery, through the psychoanalysis of a post-winnicottian paradigm. João Nery's lived world is an arduous journey in search of himself. Their dilemmas, conflicts, desires, dreams, passions, sufferings, struggles and joys reveal a spontaneous attitude towards sexual and gender identity. The transsexuality understood here presents horizons of availability to the creation, of original nuances and the rupture with the solid structures of cishetonormativity. In the trans horizon, with a subjective bias, from the pathologizing rupture to the nuance of creation, transidentity can represent a subjective, creative process, in search of the constitution of the true self.

**Keywords:** Transsexuality; Emotional development; Psychoanalysis; Winnicott.

---

<sup>1</sup> Este trabalho é uma versão modificada e atualizada de parte da dissertação de mestrado do primeiro autor, sob orientação da segunda autora (Desvelando a vivência transexual: gênero, criação e constituição de si-mesmo, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara, UNESP, 2017).

<sup>2</sup> Doutorando em Psicologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo (USP).

<sup>3</sup> Doutora em Psicologia Educacional pela Universidade Estadual de Campinas (1992).

## 1. Apresentação

A transexualidade é um matiz da sexualidade em que o sujeito não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento, tendo como referência o modelo binário, cisgênero<sup>4</sup>, para o sexo e o gênero. Na transexualidade observam-se elementos de transgressão à lógica cisnormativa, ou seja, às normas relacionadas à determinação e naturalização da existência de uma coerência entre o sexo de nascimento e a identidade de gênero (pênis-homem-masculino ou vulva-mulher-feminino). Essa lógica é ainda mais excludente quando se relaciona à orientação afetiva e sexual, considerando como norma o direcionamento do desejo afetivo e sexual exclusivamente para o gênero oposto (cisheteronormatividade) (Jardim, 2016; Morera, 2017; Zerbinati & Bruns, 2019).

Quando partimos para a compreensão subjetiva das transexualidades, não buscamos uma lógica de adaptação binária ou normativa dos corpos e da sexualidade, mas “uma singularidade para o indivíduo que chega com todos os seus atravessados (do discurso, do imaginário social, daquilo que emana de seu corpo e em relação ao qual ele não sabe o que faz)” (Porchat, 2012, p. 201). Adentrar no campo emocional é poder ouvir e reconhecer o sofrimento psíquico implícito na transexualidade. Promover cuidado e acesso à saúde a partir de uma perspectiva reflexiva, crítica e de integralidade (Arán & Murta, 2009).

Butler (1990/2003, p.27) demonstra que se o conceito de gênero ou o de sexo são rígidos, pré-determinados ou plurais, é em função de “um discurso que, como se irá sugerir, busca estabelecer certos limites à análise ou salvaguardar certos dogmas do humanismo como um pressuposto de qualquer análise do gênero”. Esse discurso está presente em todas as relações sociais, na própria ciência, e pode buscar reforçar a tese de uma existência binária de sexo e gênero, o que para a autora é uma ilusão.

Ilusão, pois, não há uma ordem verdadeira das coisas a revelar. O que se observa são discursos articulados a partir de uma fórmula gramatical de sujeito, algo como a “metafísica da substância”, expressão associada a Nietzsche na crítica contemporânea do discurso filosófico. “Essa crítica nietzschiana torna-se instrutiva quando aplicada às categorias filosóficas que governam uma parte apreciável do pensamento teórico e popular sobre identidade de gênero”, atribuindo uma substância ou uma ordem natural

---

<sup>4</sup> Cisgênero é um conceito que abrange os sujeitos que se identificam, em todos os aspectos, com o gênero determinado no nascimento a partir do sexo biológico.

à pessoa e sua complexa relação corpórea, subjetiva, histórica, social etc. (Butler, 1990/2003, p.43).

Essa pretensão artificial de uma formulação gramatical de sujeito pode chegar no discurso científico das sexualidades e, perigosamente, compactuar enquanto “uma das mais refinadas tecnologias de produção de corpos-sexuados”, “manequins científicos” do que é ser homem e do que é ser mulher. “E aqui se opera uma inversão: os corpos-sexuados que foram inventados pelos interesses de gênero ganharam o estatuto de fato originário” (Bento, 2006, p.116).

Os modelos afetivos e sexuais são interpretações sociais que organizaram o imaginário coletivo a partir da ilusória existência de algum tipo de essencialismo ou uma coerência natural entre corpo, gênero e desejo (Silva, Barcelos e Aiello-Vaisberg, 2022). Atentar-se aos mecanismos de controle sexual pode abrir espaço para desconstrução da idealização da existência de um modelo único de constituição sexual orientado por essas “tecnologias precisas e sofisticadas que têm como um dos mais poderosos resultados, nas subjetividades, a crença de que a determinação das identidades está inscrita em alguma parte dos corpos” (Bento, 2006, p.228).

A ruptura com paradigmas rígidos e naturalizantes da sexualidade é fundamental para uma compreensão interessada e comprometida com a natureza humana do sujeito contemporâneo. Essa mudança de paradigma promove uma quebra com a própria categoria da transexualidade enquanto um discurso positivista, do discurso fabricado, a partir da naturalização, binarismo dos sexos e da identidade sexual (Ayouch, 2015).

Ayouch (2015, p.29) parte da premissa de que a identidade sexual e sexuada, assim como a identificação, é sempre inacabada, “ela resulta de um processo e das relações do sujeito com o outro”. Nesse sentido, o gênero, tal como foi construído historicamente, traz elementos de uma postura identitária imaginária, organizada a partir da fantasia de uma essência masculina ou feminina.

Essa compreensão promove uma psicanálise das transidentidades, despsiquiatrizada, despatologizada, potente no que diz respeito à análise dos aspectos subjetivos na relação com a cultura, situando o sujeito no enquadre histórico e biopolítico, “abordando o inconsciente a partir do sistema sexo/gênero”. Essa psicanálise da pós-transexualidade permite “analisar o funcionamento das prescrições de gênero na subjetivação, nas relações do sujeito com os outros, mas também na sua própria perspectiva, como teoria que não escapa às formações discursivas dentro das quais ela surge” (Ayouch, 2015, p.27).

Uma psicanálise da pós-transexualidade precisa se desfazer da própria noção de transexualidade, inventada pela psiquiatria, e lastrada pela primazia, supostamente a-histórica, de uma diferença binária dos sexos. Cabe recordar que essa diferença, antes de ser qualquer evidência natural, é uma produção do sistema sexo/gênero, que constrói duas categorias como biológica e ontologicamente anteriores ao espaço discursivo e cultural que as produz (Ayouch, 2015, p.26-27).

A psicanálise pode se inserir como uma prática e um discurso inscrito na subjetivação, uma forma de cuidado que ajude o sujeito a lidar com o “mal-estar produzido pelos imperativos da normalização e da biopolítica” (Birman, 2014, p.39). Propor um debate crítico, teórico e clínico através da psicanálise, enquanto teoria e técnica, pode fornecer, assim como compreende Porchat (2014, p.124), “ferramentas potentes para levantar questões acerca dos processos de corporificação sem normalizar, patologizar, e ainda garantir a liberdade necessária para considerar alternativas para as pessoas transexuais”.

Uma interação contemporânea possível entre a psicanálise e a filosofia se estabelece por meio do paradigma winnicottiano, possibilitando a compreensão do mal-estar e da biopolítica (Birman, 2014 & Fulgencio, 2014). Winnicott (1988/2012) propõe o investimento na relação humana para o cuidado e compreensão muito além de sintomas e diagnósticos. Para o autor, já nas primeiras relações do bebê com seu cuidador principal, na maioria das vezes a mãe, aspectos únicos, criativos, tanto do bebê quanto do cuidador, devem ser respeitados e compreendidos enquanto necessários ao desenvolvimento saudável da alma e do corpo.

Segundo Dias (2008), a teoria do amadurecimento é a espinha dorsal do trabalho teórico e clínico de Winnicott. Esta teoria se baseia na ideia de que todo indivíduo humano é dotado de uma tendência ao amadurecimento, à integração da personalidade numa unidade. Para que essa tendência venha a realizar-se, o ser humano necessita, principalmente nos estágios iniciais do desenvolvimento, que o ambiente forneça os cuidados básicos até a constituição de si-mesmo<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> O conceito de si-mesmo pode ser considerado, de modo geral, como um termo descritivo, tendo sido usado de duas maneiras distintas por Winnicott, como considera Busnardo (2012, p.42): “A conquista do chamado estado unitário, ou a chegada ao estágio conhecido por EU-SOU, diz respeito a uma das maneiras; a segunda, utilizada com mais frequência em momentos mais tardios de sua obra, refere-se a qualquer tipo de experiência integrativa.

Para Winnicott, a psique não é uma estrutura pré-existente, mas algo que vai se constituindo a partir da relação do bebê com seus cuidadores capazes de promover três funções fundamentais: a de *holding*, a de *handling* e a de apresentação dos objetos. *Holding* diz respeito à capacidade de cuidar e satisfazer as necessidades vitais do bebê, permitindo sua integração no tempo e no espaço. O *handling*, o manejar, irá facilitar a formação de uma parceria psique-soma<sup>6</sup> no lactente. E a apresentação de objetos, ou realização, é a disponibilidade em tornar real o impulso criativo da criança (Winnicott, 1965/2011; 1972/2010).

O estágio inicial – o pré-natal, o nascimento e os primeiros meses de vida que dizem respeito à dependência absoluta – é um estágio no qual o ambiente deve fornecer ao bebê a experiência inicial de onipotência, para que, posteriormente, o bebê possa suportar o sentimento da frustração. A onipotência, como esclarece Newman (2003, p.389), não é rígida ou paranoide, mas necessária e permite que a seguinte mensagem seja passada ao bebê: “venha ao mundo criativamente, crie o mundo. Somente aquilo que crias é que terá sentido para ti”.

A frustração leva o bebê ao estágio de desilusão, ao estágio do EU SOU, momento em que a criança se dá conta de que é uma existência unitária, e começa a se diferenciar dos cuidadores. Nesse estágio ocorre a conquista de um eu integrado, fundamental para seguir ao contínuo processo de desenvolvimento do ser humano (Dias, 2003).

Quando tudo isso acontece de modo suficientemente bom um verdadeiro *self* (ou verdadeiro si-mesmo) surge. O verdadeiro *self* é um conceito teórico proposto por Winnicott (1965/2007) para compreender o desenvolvimento emocional saudável, a parte espontânea, original de cada sujeito. O verdadeiro *self* é o lugar de onde o gesto espontâneo se origina: “O gesto espontâneo é o *self* verdadeiro em ação. Somente o *self* verdadeiro pode ser criativo e se sentir real” (Winnicott, 1965/2007, p.135).

---

De certo modo, pode-se considerar que, ao se pensar em saúde, termos como “integração”, ou “pessoa inteira” (neste sentido, afastando-se de termos como “dissociação” ou até mesmo “cisão”) são lembrados. Em contrapartida, a quebra da personalidade, ou o desenvolvimento de um *self* falso, separado do verdadeiro, remete a uma condição patológica. Sobre a etiologia desta condição de separação, Winnicott a atribui às falhas ambientais que impediam o desenvolvimento saudável pessoal”.

Winnicott (1965/2007, p.55) utiliza o termo ego para “descrever a parte da personalidade que tende, sob condições favoráveis, a se integrar em uma unidade”, já o termo si-mesmo, segundo Marchesini (2010, p.60), “é usado para descrever o resultado dessa tendência integrativa”.

<sup>6</sup> “Soma é o corpo vivo”. Psique abrange a mente e todas as suas funções mentais que possibilitam o “estar vivo” (Dias, 2003, pp.104-105).

Entretanto, nem sempre os cuidadores principais são capazes de responder às necessidades do bebê nesse momento primitivo do desenvolvimento. Falhas repetidas em não acolher sua espontaneidade pode colocar em risco seu próprio gesto criativo, levando ao início do falso *self* (ou falso si-mesmo) (Winnicott, 1965/2007).

Diante da falha ambiental, o falso *self* oculta o verdadeiro *self* como uma tentativa de substituir a função materna que falhou, até que o ambiente ofereça as condições básicas para que o verdadeiro *self* possa voltar a se desenvolver (Newman, 2003). Se as condições ambientais forem adequadas o indivíduo pode avançar em seu desenvolvimento emocional em direção à maturidade<sup>7</sup> em diversos aspectos da vida, incluindo os afetivos e sexuais.

Freud (1895/2016; 1908/1976) ao analisar a sexualidade de suas primeiras pacientes histéricas não se ateu aos sintomas e revolucionou a medicina ao parar para ouvir a expressão do significado do sintoma por intermédio da palavra, libertando o sujeito do enquadre rígido imposto pela moral sexual civilizatória. Dessa maneira, é possível compreender que o interessante para a psicanálise, desde sua origem, não é o aspecto quantificável, ou a psicopatologia sintomática, mas sim, assim como compreende McDougall (1983), os caminhos subjetivamente trilhados para resolução de certos conflitos internos, ou, como ampliou Winnicott (198/2012), o interesse pela natureza e potencialidade humana que se realiza na relação com o ambiente.

A partir de tais desencadeantes, pretendeu-se neste artigo oferecer uma análise psicanalítica pautada na pós-transexualidade. A partir do referencial psicanalítico pós-winnicottiano, em diálogo com a filosofia *queer*, buscamos compreender e analisar aspectos importantes do desenvolvimento emocional subjetivo transexual por intermédio da história de vida do primeiro transexual brasileiro, João Nery.

## 2. Metodologia

O sujeito que abriga a posição daquele que fala de sua vivência é João W. Nery. Essa foi nossa fonte de investigação por: (1) ser considerado o primeiro trans homem operado no Brasil; (2) sua generosidade e disponibilidade em socializar sua história de vida com tantos detalhes, de modo singular, sem conotação espetacular ou interesses

---

<sup>7</sup> O conceito de maturidade assume na obra de Winnicott um leque de diversos significados como “a capacidade para estabelecer compromissos” e “responsabilidade pelo ambiente” (Winnicott, 1988/1990), ou ainda “a capacidade de estar só” (Winnicott, 1965/2007). De modo geral, e o como assumimos neste trabalho, maturidade é sinônimo de desenvolvimento emocional, de saúde emocional.

mediático-econômicos; (3) fornecer material para investigar aspectos longitudinais, com inesgotáveis possibilidades para, ao adentrar em seus escritos, contemplar os objetivos deste trabalho; (4) representar e corresponder a diversas outras vivências trans que chegam aos nossos consultórios de psicanálise em busca de um lugar seguro para o cuidado e a promoção da continuidade do próprio desenvolvimento humano.

Para a elaboração deste trabalho, foi utilizada como fonte de investigação principal a experiência de vida registrada por João Nery em sua autobiografia *Viagem solitária: memórias de um transexual trinta anos depois*, somada ao artigo “João W. Nery – A trajetória de um trans homem no Brasil: do escritor ao ativista” (Nery, Coelho, & Sampaio, 2015), que ofereceu detalhes ainda mais recentes de sua história em constante desenvolvimento.

A análise de produções culturais, mais especificadamente de dados biográficos e autobiográficos, assumindo a dimensão da narrativa, é um recurso bastante comum à pesquisa psicanalítica fora do enquadre clínico (Silva, 1993). A psicanálise, assim, aposta na importância da produção cultural como uma ferramenta de acesso à experiência vivida.

Rezende (1993) nos instiga: não leia livros, leia mentes. Compreender que os textos são vividos e não apenas escritos é oportunidade para pensá-los, envolver-se com seu sentido, tal como um hermeneuta, acrescentando ao texto uma teoria do mundo vivido.

No sentido de desvelar o significado submerso da vivência humana, da polissemia de múltiplos sentidos, assim como compreendem Silva (1993) e Rezende (1993), a primeira condição metodológica foi ir a campo, ler e reler sem julgamento, sem levar respostas ou teorias pré-determinadas ou pré-conceitos, para não antecipar a descoberta, não impedir a aventura da busca pelo conhecimento.

A partir deste ponto foi preciso lidar com a resistência diante de certa ameaça da estabilidade do conhecimento já adquirido, balizar por entre a construção da novidade ao mesmo tempo em que se procura o diálogo com o que já é conhecimento pela ciência aqui estudada, deixando que os conceitos fossem “redescobertos, rearranjados e confrontados tanto entre si quanto em relação aos dados oriundos da pesquisa de campo. O panorama que afinal se descortina pode enfim se oferecer como uma verdadeira contribuição” (Silva, 1993, p.24).

Desse modo, a integridade dos dados da vivência foi organizada em categorias de análise na pretensão de ilustrar e permanecer fidedigno à complexidade e riqueza da história compartilhada, permitindo sua análise longitudinal.

### **3. Resultados e discussão**

#### **3.1. Infância e tempo de desencontros**

João foi o terceiro filho de uma prole de quatro. Sua mãe “dedicava-se ao magistério infantil com esmero, empregando os métodos didático-pedagógicos mais modernos”. Seu pai, nas palavras de João, era “comandante de avião, usava a farda mais linda e imponente que já vi” (Nery, 2011, p.29).

João tinha na memória a figura de uma mãe “coerente nos seus métodos educacionais”, “lógica” (Nery, 2011, p.29). João compreende que a estabilidade e a coerência emocional da mãe foram fatores importantes para o seu desenvolvimento emocional. As lembranças de João remetem a aspectos de uma função familiar boa o suficiente (Winnicott, 1965/2011), que, ao prover segurança e estabilidade, auxilia a criança a conhecer o mundo, que, aos poucos, vai sendo expandido na medida em que é apresentado pela família.

Por meio do estabelecimento dos limites, segurança e estabilidade, segundo Winnicott (1965/2011), os pais livram a criança do inesperado, criam as condições necessárias para que ela desenvolva a continuidade no tempo, a integração e a manutenção do estado de unidade e se desenvolva emocionalmente. Para Winnicott (1971/1975) nesse estágio inicial do desenvolvimento, muito importante na medida em que constitui a base para todo o desenvolvimento posterior, a função da família é oferecer total apoio e cuidado, assim como assegurar e estimular que a criança, ao passo do seu desenvolvimento, explore o mundo através do brincar, possibilitando a criação de seu mundo interno a partir da realidade externa, “usando-os a serviço de alguma amostra derivada da realidade interna” (p.85).

João, que até então era reconhecido como Joana, “adorava brincadeiras consideradas de menino”:

Sempre adorei dirigir. Aos seis anos, pedi um jipe ao Papai Noel. Uma semana antes do Natal, brincando na garagem da casa, dei de cara com um carrinho igualzinho ao que havia pedido. Fiquei alucinado! Saí correndo para contar à mamãe que havia chegado antecipadamente o meu presente! Engasgada, negou que fosse o meu. Deveria ser da



criança que havia morado antes na casa. Desconfiado, fiz uma marquinha na traseira do jipe e no dia de Natal fui conferir. Lá estava ela! (Nery, 2011, p.34).

Tudo isso era encarado como diversão, brincadeira, fazia parte do jogo entre fantasia e realidade comum na infância. O livre brincar de João era um elemento oportuno para seu desenvolvimento, entretanto, na sua época, era pouco comum que a família concedesse a abertura para que uma menina brincasse com brinquedos tidos como “para meninos”.

Brinquedos e brincadeiras não possuem gênero, são instrumentos que possibilitam o brincar no mundo. “É no brincar, e talvez apenas no brincar, que a criança ou o adulto fruem sua liberdade de criação” (Winnicott, 1971/1975, p.88). A ideia do brincar diz respeito à magia da descoberta e a possibilidade de atuar em diferentes papéis em que o conteúdo não importa. O que importa é o estado de quase “alheamento como celebra Winnicott, (1971/1975, p.85).

Para Winnicott (1971/1975, p.85), “a criança que brinca habita uma área que não pode ser facilmente abandonada, nem tampouco admite facilmente intrusões”. O brincar é riqueza que possibilitará a constituição e o desenvolvimento interno. O brincar estrutura, constitui e fortalece o sujeito, prepara-o para o enfrentamento criativo das inevitáveis crises durante a vida.

Nesse sentido “Joana” brincava e se constituía enquanto João, construía sua habitação no mundo dos adultos com sua família e amigos próximos. Não apenas as brincadeiras e brinquedos “de meninos” chamavam sua atenção, mas também tudo o que fazia parte do constructo relacionado ao gênero masculino, ao qual se interessava e se identificava.

Conforme crescia, João se afastava da zona de conforto oferecida pela “licença da infância” e, aos poucos, as exigências para “virar mocinha” foram aumentando, com a imposição de não poder se comportar tal como gostaria, a partir de sua identificação com o gênero masculino. No contexto intrafamiliar, as contradições de gênero começavam a aparecer e João era perspicaz em percebê-las:

Não compreendia o fato de ser obrigado, nas refeições, a colocar a camisa para sentar à mesa, enquanto papai estava livre para fazer tal opção. “Será porque era o dono da casa?” Preferi pensar assim. Meu sentimento em relação a papai era ambivalente. Eu o

adorava, mas, ao mesmo tempo, ficava decepcionado porque não me incentivava a imitá-lo em nada. No dia em que lhe contei que gostaria de ser piloto, ele respondeu:  
- Aeromoça é uma péssima profissão (Nery, 2011, p.32).

Por ter nascido com vulva e demais órgãos internos e externos correspondentes ao sexo feminino, João foi precipitadamente reconhecido enquanto menina, como Joana. A lógica cisheteronormativa reduz a sexualidade ao constructo binário do sexo biológico, assim, estabelece uma relação ilusória de padrão compulsório e fechado entre o sexo biológico, a identidade de gênero e o desejo afetivo-sexual (Butler, 1990/2003).

Essa lógica traçou, do imaginário ao real, todo um modo para ser e existir no mundo. A criança Joana tinha uma parcela definida pelo ambiente de papéis de gênero incisivos, todo um modelo de “ser mulher”, em que a criança João não se identificava e se distanciava ainda mais conforme a pressão para ser Joana aumentava, a ponto de provocar sofrimento.

Em resposta a esse mundo binário, o pai também começava a não incentivar mais que “Joana” o imita-se. Isso era decepcionante para João. Aeromoça, para a época, talvez realmente não fosse uma profissão estimada. As normas relativas aos papéis de gênero dificultavam que mulheres pudessem ocupar posições tidas naturalmente como masculinas, como ser piloto de avião. Entretanto a questão não era essa, o que entristecia João era o fato de não ter seu desejo acolhido, não poder usufruir de sua brincadeira e fantasia profissional. O que estava em jogo era sua espontaneidade, que não pôde ser realizada por ir contra à relação ilusória entre corpo e gênero.

Para Winnicott (1965/2011), a criança possui um impulso criativo que deve ser correspondido pelo seu ambiente familiar, ou então corre o sério risco de desaparecer. O sucesso dessa vivência criativa depende do reconhecimento das necessidades da criança. O impulso criativo que lançamos discussão e pretendemos compreender aqui foi a espontaneidade ao brincar, o constituir-se e o viver, além do esperado, fora da norma binária de sexo e gênero.

Mesmo que por meio de pequenos gestos, inicialmente, essa espontaneidade foi correspondida por seus pais, quando simplesmente permitiam que João brincasse, por exemplo, com brinquedos para “meninos”. Mas, aos poucos, devido às possibilidades culturais de sua época, tais comportamentos e desejos foram colocados no patamar da reprovação, pois conforme crescia, borrar os papéis de gêneros marcava sua estranheza e diferença, causava espanto, estigma, resistência.

É importante destacar que, neste momento, o brincar com este ou aquele brinquedo não correspondia taxativamente à identidade de gênero, mas demonstrava os interesses, curiosidades e identificações infantis com o mundo adulto. A questão aqui é compreender que esse mundo dividido entre gêneros binários e opostos pode dificultar a representação subjetiva de gênero, impedindo o indivíduo de brincar entre a realidade subjetiva e objetiva na experiência cultural, dificultando a instrumentalização criativa nessa área transicional que possibilita conhecer o mundo e se constituir espontaneamente enquanto sujeito.

### **3.2. Puberdade e tempo de inseguranças, sofrimentos e descobertas**

João desde muito cedo era curioso sobre as relações humanas e os modos de ser no mundo, sobretudo quanto às possibilidades incomuns para viver e se relacionar com os outros e com si-mesmo, com o próprio corpo etc. Qualquer comportamento que transgredisse a norma lhe causava intriga, como o corpo de *Dona Arthalides*.

Dona Arthalides era nossa velha professora. Boa e dedicada, poderia ter se aposentado havia alguns anos. Mas continuava firme em sua missão, por verdadeira vocação. Não tinha um seio por causa de um câncer. Em substituição, usava uma espuma num lenço, pois na época não existia silicone nem próteses sofisticadas. Eu perdia metade do que ela dizia em sala, observando se os dois seios se mantinham simétricos. Um dia, ficou nítida a diferença. Sem que ela percebesse, o peito postiço escorregou e ficou perto da cintura. Senti uma pena mesclada com a curiosidade de ver de perto aquele sobressalente (Nery, 2011, p.39-40).

É como se a existência de uma mulher sem seios representasse uma abertura para a possibilidade de uma vivência além dos padrões, determinações e relações causais fechadas em detalhes do corpo. A validação, talvez, para a possibilidade da experiência de ser homem. A esperança de que não seria impedido de viver sua identidade de gênero por não ter um pênis.

Fui crescendo sem saber exatamente o que havia comigo e como tudo acabaria. Mas era patente que, toda vez que eu aparecia, uma confusão se formava.

Percebi, então, que o “sem sentido” e o “sem valor” da minha angústia me tornavam um estrangeiro neste mundo tão cheio de categorias. A ironia era precisar de um rótulo, do que todos tentam fugir (Nery, 2011, p.44-45).

João foi crescendo sem saber o que havia de “errado” com ele. O mundo cisheteronormativo é impiedoso aos que dele querem fugir. Esse é o sofrimento vindo de fora, como compreendido por Porchat (2014). O sofrimento criado a partir de um mundo binário, que desde as mais simples relações e discursos, dissemina, reforça, valoriza papéis e todo um aparato pronto e determinado ao sexo e gênero, do comportamento ao desejo, perpassando por toda vivência afetiva, sexual e mesmo social.

A regra social produz exclusão social, violência e sofrimento aos que ficam de fora da identificação cisheteronormativa. Não corresponder às categorias sexuais descritas os torna seres abjetos, “expulsos ou excluídos da sociedade como sendo o próprio detrito desta sociedade” (Porchat & Silva 2010, p.119).

Abjeto é um conceito que Butler (1990/2003) discute a partir da psicanalista Kristeva (1982). Abjeto em Kristeva (1982) diz respeito aos excessos do corpo, o que é expelido, descartado, como as fezes, urina, lágrimas etc. O corpo abjeto e o corpo abjeto social são aqueles que os sujeitos e a sociedade não querem perceber.

Assim como compreende Aiello-Vaisberg (2017), viver pautado na aparência que o outro consegue reconhecer, ou seja, a partir do gênero designado no nascimento, corresponde a uma inautenticidade para a pessoa trans, um violento ataque ao sentir-se si-mesmo. Por outro lado, viver sua espontaneidade fora dos padrões cisnormativos é tornar-se alvo de preconceito e posturas extremistas de ódio, ataques despersonalizantes.

A partir do sofrimento vindo de fora, há um sofrimento vindo de dentro (Porchat, 2014), que atinge quem não apresente uma coerência entre o sexo anatômico, a identidade de gênero e o desejo afetivossexual. O sofrimento pulsa na medida em que o sujeito é excluído da matriz de inteligibilidade e se torna um gênero não-inteligível, uma esfera do abjeto que torna e representa o ser.

O padrão do gênero já está fechado e não aceita novas produções. Estar fora do matiz conhecido é pertencer ao limbo. A perspectiva do abjeto somada ao momento da adolescência – em que o sujeito, trans ou cis, está em um latente processo de constituição, em uma energética busca pela descoberta pessoal, “ser alguém em algum lugar” como dimensiona Winnicott (1984/2005, p.123) – pode desencadear ainda mais sofrimento e sentimento de não pertencimento.

Parece que para se tornar sujeito é preciso existir conforme uma regra muito bem delimitada. Esse aspecto pode levar grande parte dos sujeitos, trans e, também, cis, a

abdicarem de um potencial criativo referente ao sexo e ao gênero para viver dentro das possibilidades inteligíveis de expressão sexual. O sofrimento de uma identidade trans revela a violência do ambiente quase que terrorista para uma consonância entre o genital de nascimento e a expressão da identidade do gênero (sexo-mente-gênero).

A coisa começou a aparecer aos 14 anos, quando veio a primeira “monstruação”. A ideia de aquilo ter vindo de dentro de mim me repugnava, evidenciava uma série de órgãos, hormônios e funções que eu sabia existirem, mas que, felizmente, não podia ver.

A dose foi cavalara. Acompanhando a monstruosidade, os seios insistiam em nascer. Aí foi demais! Como se já não bastasse todos me tratando no feminino, não entenderem minhas vontades, não poder fazer nada do que os outros meninos faziam, ainda tinha de aguentar o que me brotava do corpo, à revelia.

As evidências do meu próprio corpo me obrigavam a ser visto como uma mulher (Nery, 2011, p. 46-47).

João sofreu quando o discurso regulador do sexo e gênero era castrador do gesto espontâneo. Com isso, buscava se distanciar de qualquer elemento que pudesse representar o “feminino”, para si-mesmo e para o outro. O sofrimento foi gigante quando seu corpo se impôs, como na primeira “*monstruação*”, pois esse corpo biológico, inserido num mundo binário, trazia o indiscutível rótulo, com letras garrafais, dizendo: contém uma mulher.

A força performática para começar a se portar como “mulher” era vivenciada com muita angústia e a obrigação externa para “ser mulher” despertava uma angústia de não “ser homem”, ambas conotações seguindo o modelo cisheteronormativo vigente. Nesse contexto, o corpo impunha a João um conteúdo e um papel pronto para ser seguido, não no aspecto biológico propriamente dito, mas no significado atribuído, de uma falha na representação e na impossibilidade de figurabilidade do afeto, no sentido da representação a partir da qualidade afetiva (Ayouch, 2012).

Na tentativa de confrontar o corpo erroneamente reconhecido como do gênero feminino e pela necessidade de responder a partir do esperado para o gênero masculino, João passou por vivências de extremo sofrimento, se distanciando do mundo e de si-mesmo. Um processo de dificuldade em integrar seu corpo em sua mente, assim com seus elementos femininos e masculinos muito além do corpo físico.

Winnicott (1990/1994) parte de um ponto de vista dos estágios de desenvolvimento humano e da própria constituição subjetiva e afetiva nesse processo de vir a ser. O somático seria uma conquista do indivíduo perante a constituição de sua vida, de sua integralidade, numa unidade psicossomática, constituída na interação afetiva, intercorpórea e intersubjetiva com o ambiente.

Para Winnicott, não há a oposição entre corpo e mente. “A natureza humana não é uma questão de corpo e mente – e sim uma questão de psique e soma inter-relacionados, os quais em seu ponto culminante, apresentam um ornamento: a mente” (Winnicott, 1990, p.44).

Há, nessa perspectiva, uma tendência instintiva inicial do bebê humano de unir a mente no corpo. Essa tendência se dá a partir dos cuidados recebidos do ambiente. A conquista da integração remete à possibilidade de ser. O corpo e a pele tornam-se fronteiras entre o eu e o não-eu. A psique começa a habitar no soma e a vida psicossomática do indivíduo se inicia (Winnicott, 1990).

A sexualidade infantil e adolescente não está pronta, evidentemente, cabe ao meio poder proporcionar as condições necessárias para a assimilação, integração e compreensão dessa rica relação entre corpo e mente do humano com o si-mesmo e com outro humano (Winnicott, 1949/2016; 1964/2019). O ambiente em que João viveu era o mundo binário que leva os sujeitos fora dos padrões inteligíveis ao sentimento de inadequação corpórea. Nesse contexto, o corpo é facilmente sentido como real quando dentro da lógica binária. A impossibilidade de uma atribuição de significado que viesse a integrar a vivência ao corpo – a mente ao corpo, e mesmo os elementos masculinos e femininos ao corpo independente do sexo – pode promover esse sentimento de inadequação e desintegração, a sensação de não ser inteiro, de estar no corpo errado, de ter o corpo errado, uma possível experiência de falso *self* na representação causada pelo modelo binário e na busca, às vezes exaustiva, pelo modelo binário.

A história de João transmite sua angústia e a dificuldade em integrar seu corpo com sua mente por uma indisponibilidade de reconhecimento e atribuição de sentido desse corpo com sua constituição subjetiva, por não haver referência além do modelo de relação direta entre o corpo, o sexo e o gênero. O caminho cisheteronormativo era o único conhecido, logo o ideal a ser sonhado e a promessa para enfim ter seu sofrimento amenizado, ter um lugar para chamar de seu.

### 3.3. Adulter e transgressão

João sofreu por não se encontrar em lugar algum, suas palavras de estrangeiro num mundo em que apenas cabem dois gêneros dimensiona seu sofrimento. Uma realidade dolorosa que buscava significação. Por falta de recursos ambientais para integração psicossomática, sua tentativa de encontrar-se seguia pelo caminho do desejo de encaixar as peças do modo “correto” no rígido quebra-cabeças do corpo ideal:

Seu castrado! Gritava, contorcendo-me todo. Ninguém melhor do que eu para poder dizer do doído que sentia, sem escamoteações. Precisava me enfrentar. Ver-me nu, com os defeitos ali expostos, sem escudos para conseguir combater a pusilanimidade que me tomava por completo. – Vai, continue fantasiando, tapeando a si próprio por migalhas de aplausos. Jamais será uma mulher como as outras! (Nery, 2011, p.61).

João era algo original no sentido de não reproduzir o caminho conhecido da reiteração corpo-gênero, algo ainda não nomeado que promovia sofrimento e o sentimento de inadequação. Realmente não poderia ser uma mulher como as outras, nem um homem como os outros, e tudo bem não o ser, afinal ninguém é. Todo ser humano é convidado a descobrir suas potencialidades e limitações em trânsito para uma criação erótica, corporal e sexual, entranhada no mais ancestral desejo e constituição subjetiva. É um movimento de criação que requer coragem para ir além do culturalmente pronto, um caminho rumo a si-mesmo, como nos transmite Winnicott (1971/1975). Um caminho muitas vezes solitário, no escuro, mas um verdadeiro caminho em que é necessário a elaboração e sustentação do estranhamento para quebrar o idealizado e os modelos prontos da herança sexual.

Mesmo ainda não entendendo muito bem quem era, ou exatamente por buscar se compreender, João, aos 19 anos, ingressa na faculdade de psicologia. A universidade foi um local oportuno para a construção de novos vínculos, alguns muito significativos, incluindo de relacionamentos amorosos e sexuais.

-Mãe, o que preciso dizer não é algo inteiramente novo. (...) O fato é que (...) gosto de Dolores...

(...) Mas, minha filha, o que você sente por “esta mulher” é uma amizade! Amor, a gente sente por homem! (Nery, 2011, p.75).

Após algumas conversas e um tempo necessário para o pensamento, por fim a mãe de João aceitou a presença de Dolores na casa e, também, fez a mediação com o pai de João. “O velho nunca se manifestou a respeito” (Nery, 2011, p.77).

O apoio compreensivo é esperado e existente na maioria das famílias de um modo geral. Para Winnicott (1965/2011, p.132), o apoio familiar acontece, “pois a norma é a existência da família e de pais que se sentem responsáveis e apreciam essa responsabilidade com que são investidos”. Entretanto, esse apoio está indisponível em muitas famílias com filhos LGBTQIAPN+<sup>8</sup>, que têm dificuldade e até mesmo a impossibilidade de compreender enquadres para além do normativo em termos afetivos e sexuais, reagindo, algumas vezes, de modo agressivo e destrutivo diante da identidade de gênero ou orientação sexual dos próprios filhos (Zerbinati & Bruns, 2019).

Na família de João, como de costume, o que sobressaiu ao final foi o posicionamento afetivo, mesmo sendo difícil entender os desejos do filho. O entendimento que adentrava o contexto familiar até aqui era o homossexual, porém o maior sofrimento de João não estava relacionado ao seu desejo afetivo, mas à sua identidade de gênero que sempre lhe causava um sentimento de inadequação e estranhamento. Havia corriqueiramente o entendimento da existência de uma falta e a cobrança por uma coerência cisheteronormativa idealizada e generalizada:

Quando era solicitado a me colocar numa posição “de receber”, sentia-me ameaçado, como se confundido com uma fêmea. Esvaziava-se então a excitação sexual. Daí a necessidade de ter uma mulher dócil, feita para a entrega (Nery, 2011, p.77-78).

Também nos relacionamentos sexuais, João se lembrava da falta do pênis quando a parceira desejava ser penetrada. Ele não se sentia confortável em proporcionar tal prazer por associar penetração com pênis. Quando sua parceira dizia “entre dentro de mim”, não necessariamente estava dizendo “penetre-me com seu enorme pênis”. A falta do pênis atormentava João, ao mesmo tempo em que a cobrança social por se portar como “mulher” levava-o ao limite da loucura, posicionando-se por vezes de modo muito distante da sua sensibilidade comum, para seguir a fórmula do corpo masculino “correto”.

---

<sup>8</sup> Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, *Queer*, Interssexos, Assexuais, Pansexuais, Não-binários e demais pluralidades de orientação sexual e/ou identidade de gênero diversas à norma cisheteronormativa.



João obtinha o que atualmente se chama “passabilidade”, ou seja, mesmo ainda sem nenhum tratamento hormonal ou cirúrgico, possuía características tais como as esperadas socialmente para um homem cisgênero e era facilmente reconhecido por estranhos como tal. O medo de ser “descoberto” era grande e é um elemento que surge nos sonhos em que narra ao leitor:

Andava só de cuecas no meio da rua e, de repente, descobri que estava sem camisa. Saía, então, correndo e nunca encontrava uma porta aberta ou esconderijo onde pudesse me abrigar. Havia poucas variações no pesadelo.

Uma cena com a qual raramente sonhava, e que me impressionava pelo conteúdo violento, era a de um homem desconhecido debochando de mim por ser mulher. Pegava-o com as duas mãos pelo colarinho e, com uma força descomunal, batia seguidamente sua cabeça contra a parede, até matá-lo. Aí acordava. Era como se lutasse contra o irrefutável do meu ser (Nery, 2011, p.83).

Por mais temerosa que pudesse ser a possibilidade de ser “descoberto”, nunca ser encontrado, seria uma catástrofe, como descreve Winnicott (1965/2007). Esse aspecto denota a necessidade do ser humano em ser reconhecido e o terror de que isso nunca aconteça. Na tentativa de ser reconhecido para se reconhecer, João chega ao processo de transgenitalização. João queria matar qualquer representação que pudesse lhe relacionar ao “ser mulher”.

Trata-se de sentir que não se pertence ao gênero atribuído em função de sua anatomia e ter, exclusivamente como opção, que tentar se adequar ao sexo oposto, pois somente há dois. A ideia aqui é a de que, havendo a possibilidade de outros gêneros – do ponto de vista jurídico e social de modo geral –, o sofrimento fosse amenizado (Porchat, 2014, p.121).

Podemos compreender que não se trata simplesmente de se “enquadrar em outro gênero”, mas uma tentativa de integrar-se a partir dos significantes possíveis para a integração de seu corpo com seu gênero. A fantasia, ou mesmo ilusão, é um caminho para a realidade, para que a frustrante realidade venha a ser suportada e integrada aos poucos (Winnicott, 1972/2010; 1965/2007).

Um dos primeiros passos para a transgenitalização foi o processo psicoterapêutico de dois anos. Mesmo ao final sendo descoberto por João certo desejo

por uma “cura transexual” por parte do profissional da psicologia, a psicoterapia auxiliou João a entrar em contato com sua feminilidade e masculinidade, sua história, fazendo com que seu desejo de mudança de sexo se fortalecesse ainda mais (Nery, 2011).

O que se espera da psicoterapia na relação com os aspectos afetivos e sexuais é, primeiro de tudo, a clareza de que o tratamento não deve ter a finalidade de curar ou modificar a condição afetiva ou sexual do sujeito, mas deve, de modo compreensivo e acolhedor, possibilitar a reconstrução de sua história pela sua própria história de repressão, sofrimento, dor, angústia, paixão, amores, desejos e fantasias. Integrando o processo do viver numa perspectiva inclusiva e emancipatória, sem novas regras ou respostas prontas, mas disponível para legitimar o gesto espontâneo e possibilitar que as defesas que, porventura, ergueram-se enquanto um falso *self* sejam baixadas (Pinto, Bruns & Zerbinati, 2020).

A clínica, seja psicológica ou psicanalítica, deve estar comprometida com o gesto espontâneo humano, realizar-se enquanto um lugar seguro para o cuidado e para a promoção da continuidade do próprio desenvolvimento humano, do verdadeiro *self* da pessoa trans (Modé, 2022). A psicoterapia ou análise deve, assim como propõe Kupermann (2008, p.173), promover a emergência dos processos criativos impedidos de criar “estilos de existência singulares” pelo “*ethos* civilizatório”. Há de se criar um ambiente analítico potente para, enfim, corresponder ao gesto espontâneo e a todas as possibilidades e realidades para a constituição de um verdadeiro *self*, a possibilidade para que o sujeito realize, como destacou Winnicott (1987/2012, p.91), “uma parte de seu potencial”.

Após transpassar tantas barreiras, inclusive psicoterapêuticas, João chega ao processo cirúrgico propriamente dito, “a ablação dos seios e a feitura de uma neouretra” (Nery, 2011, p.188). Mesmo ainda sem os resultados completos dos tratamentos, João pôde finalmente sentir-se sujeito no mundo. Às vezes, é pelo elemento agressivo que se pode construir. Foi pelo processo cirúrgico e hormonal que João pode ser reconhecido, procedimento necessário para ser aceito, encontrar seu lugar no mundo binário.

Essa vivência pode ser compreendida tal como Winnicott (1971/1975), quando destaca a agressividade da criança como manifestações de protesto, um pedido de ajuda, não como crueldade, mas agressividade construtiva, possibilitando o uso do objeto que sobreviveu à destruição, e assim, criar a externalidade do mundo. Essa relação observada por Winnicott no contexto das primeiras experiências do bebê oferece pistas para compreensão de todo o processo maturacional, num movimento de reedição, a

procura das condições necessárias para seu amadurecimento prosseguir e ser possível o brincar no mundo.

Tudo foi se organizando e o reconhecimento de significado especial aconteceu, pela primeira vez era tratado como filho homem pela família (Nery, 2011). O acolhimento e reconhecimento familiar foi o que faltava para integrar sua vivência. Todo ser humano deseja e necessita ser reconhecido e valorizado pelos demais, sentir que realmente existe como individualidade (Zimerman, 2010, p.212).

Assim como considera Winnicott (1988/2012, p.92), “para a maior parte das pessoas, o elogio máximo é serem encontradas e úteis”. Winnicott (1971/1975) percebe a capacidade de olhar e reconhecer, como um dos atributos essenciais dos cuidadores principais e coloca o papel de espelho da família para o desenvolvimento infantil como uma função de extraordinária importância para que a criança possa se descobrir enquanto sujeito, e um sujeito criativo. “Quando olho, sou visto; logo, existo. Posso agora me permitir olhar e ver. Olho agora criativamente e sofro a minha apercepção e também percebo” (Winnicott, 1971/1975, p.180).

Todo o processo de redesignação sexual trouxe a possibilidade de certa reedição da vivência infantil em que houve falhas na função de *handling* e apresentação dos objetos sexuais, quando João não pôde ser percebido no mundo conforme se percebia. A partir de agora, entretanto, poderia, enfim, ser reconhecido, ter seu sentimento valorizado, existir inteiramente enquanto sujeito.

João se encontrou, foi visto e pôde se encontrar, ter, simbolicamente, legitimado seu desejo inicial de ser o que sempre desejou ser, em última análise “ser piloto”. Para isso teve que se distinguir agressivamente do que percebia não ser. É inevitável o questionamento de como teria sido sua história se no momento inicial, o “ser piloto” não tivesse sido interrompido por um ambiente repressor, se não houvesse a marca do objeto a ser distanciada.

Nesse processo, o falso *self* aparece na dificuldade da integração do ego corporal com seu sentimento de “ser”, pela impossibilidade de poder se identificar e atribuir significado ao corpo integrando-o ao sentimento de gênero, na impossibilidade de ter correspondido seu desejo e ato criativo, desde os mais simples, pela falta do pênis no corpo infantil.

Lembremos que, quando tudo vai bem, a tendência humana é se desenvolver de modo genuíno, pautado no verdadeiro *self*, um conceito de onde o gesto espontâneo surge e o meio pelo qual a pessoa torna-se si-mesma. Essa espontaneidade pode ser

interrompida quando as condições ambientais não são favoráveis. A continuidade do ser é interrompida pelo ambiente dominador, quando exige uma submissão do indivíduo (Silva, Barcelos, & Aiello-Vaisberg, 2022). Em termos sexuais e de gênero, culturalmente espera-se do sujeito essa submissão ao padrão cisheteronormativo. Essa submissão castra a espontaneidade, em sujeitos trans pode impossibilitar o desenvolvimento do verdadeiro *self*, gerar sofrimento e o sentimento de não ser, de não se sentir vivo.

A constituição de si-mesmo de João teria percorrido os mesmos caminhos caso houvesse a possibilidade do reconhecimento do seu gesto espontâneo? Não há como responder essa questão, porém a contemporaneidade nos desvela interessantes dados que demonstram uma redução de sintomas psiquiátricos, um aumento dos aspectos de saúde mental e menores índices de disforia de gênero em crianças transexuais que recebem apoio, reconhecimento e cuidado ambiental (Travers et al., 2012; Olson et al., 2016; Zerbinati & Bruns, 2018; Tordoff et al., 2022).

### **3.4. O abraço do tempo: amadurecimento**

O adulto sadio é maduro enquanto adulto, o que significa que já transpôs todos os estágios de imaturidade, isto é, todos os estágios maduros anteriores. O adulto maduro tem a seu dispor todos os estados passados de imaturidade, e pode fazer uso deles por necessidade, por diversão, nas experiências secretas de auto-erotismo ou nos sonhos (Winnicott, 1965/2011, p.129).

Após muitos anos de relacionamento amigável e companheirismo, Lola – companheira de João nesse momento de sua história – acaba se relacionando com outro homem sem o conhecimento de João. Numa necessidade de se “sentir uma mulher comum”, ela acaba engravidando (Nery, 2011, p.248). Inicialmente, tanta informação fragilizou João, mas passado a angústia inicial, organizou as ideias e o que, por fim, sobressaiu foi o desejo de ser pai. “A imagem dela grávida ficou mais impregnante do que qualquer traição” (Nery, 2011, p.251).

Eu adorava sair na rua ao lado daquela barriga grande. De repente, passei a ser visto como um homem fértil. Minha sogra passou a me olhar com mais respeito. Fiquei mais seguro, orgulhoso e responsável pelo moleque. Eu e Lola nos tornamos cúmplices. Ia

sempre com ela fazer os exames pré-natais, como qualquer homem moderno (Nery, 2011, p.254).

João cresceu numa família nuclear e compôs enquanto um homem trans sua própria família. O modelo de família modifica-se segundo a época e o lugar, entretanto há sempre a evidência da função de um verdadeiro “cuidado materno-paterno”, ou simplesmente o cuidado humano necessário para o desenvolvimento emocional (Winnicott, 1965/2011).

A história de João demonstra que ele obteve a possibilidade de internalizar experiências boas, internalizar a força para enfrentar as dificuldades a partir de seu modelo paterno e materno, e sentir-se seguro para viver também fora do ambiente familiar. Seu pai militar da aeronáutica, sua mãe, uma mulher forte e acolhedora, possibilitaram que João internalizasse as vivência e representações de cuidado, sustentando novas vivências, sustentando sua força para ir além, voar tal como seu pai, sendo forte e cuidadoso como a mãe e posteriormente sustentar também outras pessoas, seu filho, sem ressentimento ou culpa, mas de modo bom o suficiente.

Quis criar meu filho como um homem gentil, sincero, sensível, que não tivesse vergonha de chorar. Enfim, decidi adotar todos os melhores valores que na nossa cultura são considerados femininos, sem fazer dele um ser necessariamente efeminado, fortalecendo sentimentos que dificilmente são enaltecidos nos homens. Mesmo sendo um trans-homem, fazia questão de preservar essas características, atitude esta rara em muitas pessoas do meu gênero (Nery, 2011, p.262).

Como um pai trans, João procurou além de oferecer os cuidados básicos ao seu filho, criá-lo da melhor maneira possível para o acolhimento da diversidade afetiva e sexual. Por todo histórico de João, o significado do tornar-se um “homem verdadeiro” era diferente do discurso popular de sua época e o relacionamento com Yuri, seu filho, seria enriquecedor para ambos.

Nesse momento de maturidade de João, o ideal rígido e binário de sexo e gênero binári perdia cada vez mais o sentido. João agora podia, gradativamente, se distanciar de normas de gênero para se redescobrir enquanto singularidade e procurar ter o mesmo cuidado na educação de seu filho, proporcionando-lhe constituir um verdadeiro e criativo *self*. Suspender a necessidade das normas acerca do gênero, dispensar

temporariamente o reconhecimento a partir de enquadres rígidos para possibilitar que a vida faça sentido subjetivo. Como bem coloca Butler (2004, p.4): “talvez eu sinta que, sem algum reconhecimento, não posso viver. Mas eu também sinto que os termos pelos quais sou reconhecido tornam a vida invivível”<sup>9</sup>.

Com o passar dos anos, o corpo de João também envelheceu, chegando à crise de identidade que não mais era a de gênero, “mas aquela que todos temem com a idade, ao constatar a dificuldade do possível fascínio sobre o outro. A face enrugou, os pneus surgiram, os pelos caíram, o pênis não veio” (Nery, 2011, p.289).

Um aspecto importante para o envelhecimento maduro é a capacidade do adulto de aceitar sua impotência e imperfeição (Winnicott, 1972/2010). Neste momento de maturidade, o processo de desilusão e desidentificação ao ideal de gênero foi, novamente, fator significativo para a maturação. Para isso, mais uma vez, assim como durante toda a vida, no processo de criação, houve a necessidade de um trabalho de luto do idealizado.

A necessidade da realização do luto para com o ideal de gênero, de sexo, de corpo, a identificação até certo ponto com o pai, a identificação até certo ponto com os papéis sociais do gênero esperado em todos os âmbitos da vivência de quem nasce com esse ou aquele aparelho reprodutor se mostram como um processo indispensável, sem o qual a experiência do verdadeiro *self* pode ser obstada. Aspecto relacionado à conquista da “capacidade de estar só” (Winnicott, 1965/2007), no interjogo entre a singularidade e o encontro com o outro na cultura.

Assim como compreende Butler (2014, p.253): “gênero é o mecanismo pelo qual as noções de masculino e feminino são produzidas e naturalizadas, mas gênero pode muito bem ser o aparato através do qual esses termos podem ser desconstruídos e desnaturalizados”. A desconstrução do gênero idealizado e de um si-mesmo idealizado possibilita um processo criativo para o existir, um caminho em que não se pode prever qual a parada final, mas um caminho na relação entre viver verdadeiramente e viver aspectos falsos; defesas e criações; se integrar, desintegrar, integrar novamente; construir-se e desconstruir-se, por fim, ser e existir ao final de cada etapa.

Enquanto o tempo passava, o discurso trans também se modificava e chamava a atenção de João, como a notícia do primeiro “homem grávido”. João se posicionou de modo entusiasmado em perceber que os trans jovens estavam assumindo seus desejos,

---

<sup>9</sup> Tradução livre

ousando ainda mais na desconstrução do gênero, sem se sentirem ameaçados na sua identidade sexual.

O abraço do tempo atribuiu novos sentidos na vivência de João, não seria um momento de estagnação e espera do término da vida. Para Winnicott (1958/2000), o amadurecimento humano só tem fim com a morte, nesse sentido, o desafio do ser humano é continuar se desenvolvendo, amadurecendo. Para isso, é necessário que continue criando, legitimando sua espontaneidade, assim como aceitando sua impotência e imperfeição. Por mais que caminhe, o ser humano sempre será convidado a continuar sua caminhada. João possibilitou e possibilita um viver no mundo original, tendo a criatividade como fonte de vida e o desafio em viver e continuar vivendo, além das idealizações e das normas rígidas.

#### **4. Considerações finais: gênero, criação e constituição de si-mesmo**

É parte significativa da vivência, experimentar criativamente diferentes papéis e personagens que aos poucos vão sendo transformados num repertório de si-mesmo, constituído pelas infinitas variações afetivas e sexuais, de identificação e desidentificação, a partir de um complexo processo de criação entre o inter e intrapsíquico, intra e extrafamiliar. Perceber-se criativo, disponibilizar-se à criação, faz alusão à vida, ao estar vivo. Assim como entende Winnicott (1971/1975, p.108): “é através da apercepção criativa, mais do que qualquer outra coisa, que o indivíduo sente que a vida é digna de ser vivida”.

Para Vaisberg (2004, p.77-78), o ser humano na obra winnicottiana é um indivíduo que não vive apenas para a sobrevivência da espécie, “mas para usufruir a vida, para viver criativamente, o que deriva necessariamente da ilusão criativa original a qual, mais tarde, dará origem, paradoxalmente, à possibilidade de ação concreta sobre o mundo”. Ainda segundo a autora, o mundo segue suas próprias leis, mas para que o ser humano possa alterá-las em favor próprio é preciso que a ilusão criativa se transforme em ação. João muitas vezes apresentou um discurso ilusório e idealizado de sexualidade e de si-mesmo, contudo João conseguiu transformá-lo, assumiu seu desejo, não sem dor e sofrimento, tendo como guia a busca por si-mesmo.

“É somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (*self*)” (Winnicott, 1971/1975, p.89). Ao sustentar sua originalidade, João foi além das possibilidades impostas ao gênero e ao sexo. Sua criação diz respeito ao caminho para constituição de um verdadeiro *self*, um convite à desconstrução e desidealização de uma identidade de

gênero binária, normativa, rígida, sem espaço para criação, logo cópia, falsa. Seria ao não ser nem “homem”, nem “mulher” nos modelos prontos e deterministas, que João poderia ser João: viver a partir de seu gesto espontâneo, a expressão genuína do *self* verdadeiro, aquilo que dá sentido à vida.

É na impossibilidade de integrar tais aspectos, ao não ter acolhido sua originalidade não binária para o sexo e gênero, que o sofrimento e a expressão de um falso *self* se manifestam de modo reativo. Todavia, ao se distanciar de si-mesmo, o sofrimento que surge abre caminho para o criar, na tentativa de dissolver o próprio sofrimento. O falso *self* também tem a função de encobrir o verdadeiro quando o ambiente falha, até que as condições possam ser novamente favoráveis ao seu surgimento (Newman, 2003).

O gênero designado a partir do nascimento é um elemento da identidade reconhecido inicialmente pelo outro a partir do aspecto do “parecer”, nem sempre correspondente ao “ser”. O gênero designado é, assim, “uma leitura objetiva da condição biológica”. Nesse contexto, a pessoa trans se encontra em constante batalha, seja para abrir espaço para “ser” além dos enquadres e determinações, seja para sufocar o seu próprio sentir/ser (Silva, Barcelos, & Aiello-Vaisberg, 2022, p.8).

Nesse processo de constituição, uma nova maneira de estar no mundo é criada, representando a vanguarda das liberdades individuais do sexo e do gênero. Percurso parecido ao caminho das mulheres históricas analisadas por Freud, tal como entende Kehl (2008), destacando a sexualidade enquanto uma força humana que provoca mudanças sociais e revoluções, a partir da rica relação entre o interno e o ambiental.

O sofrimento que vem de dentro transgride para ser amenizado e nesse movimento cria e recria novos modos de constituição e de identidade, assim como novas demandas de acolhimento e de real cuidado; nesse sentido, a psicanálise tem muito a contribuir ao promover o gesto espontâneo, o brincar e a reflexão, teórica e no divã (um divã vivo), acerca das vivências e dos caminhos para constituição, integração e amadurecimento de si-mesmo, na interface com os mecanismos de controle e/ou emancipação sexual.

A psicanálise aqui apresentada e discutida, uma psicanálise da pós-transsexualidade e pós-winnicottiana, proporcionou a análise além do observável, trazendo sentido relacional e profundo à vivência transidentitária, legitimando e desvelando o processo de constituição e amadurecimento de si-mesmo, assim como seus possíveis entraves, dores e dificuldades. A contemporaneidade e a atualização do discurso psicanalítico podem ajudar o sujeito contemporâneo a lidar com seu



sofrimento, fonte inesgotável de vida, mas que pode levar a morte se não for ouvido, sustentado, integrado e significado por alguém de fora que possa promover seu gesto espontâneo e o brincar num espaço potencial, ou seja, entre o “objeto subjetivo e o objeto objetivamente percebido”, entre “nada haver senão eu e a existência de objetos e fenômenos situados fora do controle onipotente” (Winnicott, 1971/1975, p. 139).

As dificuldades apresentadas na transexualidade aqui analisada apresentam elementos de uma dificuldade no nível da existência e da experiência de si-mesmo. Nesse sentido, João necessitou e buscou, no decorrer de sua história e de suas experiências, resgatar elementos primitivos não simbolizados e promover a integração para a constituição de si-mesmo enquanto potência subjetiva e criativa. O sofrimento trans que vem de fora demonstra a importância do conhecimento que propõem o rompimento com reducionismos binários de sexo e gênero para uma compreensão plural, instigando avanços compreensivos e acolhedores da diversidade afetiva e sexual.

A partir da história apresentada, podemos pensar a clínica psicanalítica e seu papel de promover a integração do sujeito ao constituir, na nova experiência afetiva, num ambiente suficientemente bom, representações vivas daquilo que não se inscreveu na experiência originária com os cuidadores principais, pela ausência de uma representação a partir da qualidade afetiva de espontaneidade ao gênero. A demanda trans convoca para o cuidado dos aspectos traumáticos na constituição sexual e de gênero ao revelar a presença de experiências agressivas à espontaneidade de ser e existir, vivências que dificultam a integração psicossomática e o surgimento de si-mesmo, por ausência da figurabilidade do afeto e pela presença violenta e nociva do discurso binário de sexo e gênero.

No processo constitutivo da identidade sexual, é empobrecedor ficarmos na rigidez e na idealização de um único caminho sexual e de gênero para ser e existir na relação com o mundo e consigo mesmo. Essa é também a linguagem proposta por Winnicott (1896-1971) ao transitar pelo desenvolvimento emocional primitivo, compreendendo o processo de “vir a ser um sujeito” a partir da reunião do “isso e aquilo, aqui e ali”, ou seja, a experiência do *self* é fragmentada e ao mesmo tempo reunida de modo a permitir um lugar coeso de integridade (Ogden, 2014, p.120).

Integrar simbolicamente e realizar uma elaboração imaginativa do corpo – a partir dos elementos masculinos e femininos sem relacioná-los e reduzi-los a homem e mulher enquanto categorias binárias – não é tarefa fácil, principalmente quando vem associada a estigmas, preconceitos ambientais e pressão social para coerência

cisheteronormativa. Torna-se importante, portanto, possibilitar horizontes de significado e representação individual a partir de cada vivência, com espaço para a fantasia, a criação e o brincar na relação do corpo com as representações culturais dos gêneros. Ou seja, no encontro com a área transicional, da disponibilidade à espontaneidade e elaboração da realidade, uma expressão verdadeira de si-mesmo.

João foi o primeiro homem trans brasileiro, através dele tantos outros traçam caminhos parecidos. Mas na complexa existência humana, na qual a transidentidade é um matiz, nenhum caminho está pronto e cada identidade trans, assim como cada ser humano, a partir da sexualidade e das relações humanas de um modo geral, são convidados ao constante trânsito para a própria criação.

No que se refere à sexualidade, nos resta compreender seu aspecto intangível e criativo. Não há parada, não há conclusões. Cabe à psicanálise da pós-transexualidade, a partir das novas demandas sexuais, possibilitar a emergência de um si-mesmo espontâneo. Para isso e com isso, é preciso, através da análise ambiental e relacional como proposto por Winnicott, também se movimentar e avançar enquanto disciplina humana, de vida e de pensamento potente para compreender, despatologizar, cuidar e reconhecer a vivência trans ou simplesmente os diversos tons de um matiz humano.

No horizonte das transidentidades compreendidas pelo viés subjetivo, da ruptura patologizante ao matiz da criatividade, a transexualidade representa um importante fenômeno, com contribuições para se pensar e viver caminhos de autenticidade sexual e de gênero na experiência do verdadeiro *self* para o desenvolvimento humano saudável. O patológico não reside em “ser” além dos rótulos, pelo contrário, concordamos com Silva, Barcelos, & Aiello-Vaisberg (2022, p.8), quando elucidam que “a cisheteronormatividade seria patológica, uma vez que apresenta efeito corrosivo, nocivo e adoecedor na vida”, barrando elementos de espontaneidade, inclusive sexuais e de gênero, das pessoas.

O desenvolvimento humano, a complexidade de ser e existir genuinamente, perpassa aspectos do trânsito entre os elementos sexuais femininos e masculinos a fim de integrá-los criativamente. Nesse sentido, disponibilizar-se para a busca de perspectivas sexuais subjetivas, afetivas, emancipatórias e criativas é uma tarefa humana contemporânea que tem o desejo como guia e a falta como impulso à criação. Esse caminho de constante movimento requer um maior trabalho de constante reflexão ética dos limites desse processo de inter-relação com o outro e com si-mesmo.

A partir da teoria do amadurecimento humano proposto por Winnicott, torna-se indispensável acolher e possibilitar, através do reconhecimento do potencial criativo, uma sexualidade inserida enquanto força de vida que pouco estabelece relação com modelos mecânicos, idealizados, hierarquizados, autoritários e rígidos de pensamento e existência. Este é um processo de desenvolvimento emocional com relação ao processo de independência e autenticidade que legitima a importância de libertar os conceitos afetivos e sexuais de constructos rígidos e autoritários para o emergir de subjetividades autênticas, além dos rótulos.

É desse paradigma pós-winnicottiano que incitamos um novo espaço para discutir a sexualidade, a identidade sexual e de gênero, enquanto elementos facilitadores ou dificultadores para a constituição de si-mesmo. Assim como a sexualidade, o conhecimento também é plural e está em trânsito, nesse sentido é profundamente instigante pensar novas possibilidades para demais produções, envolvendo o universo afetivo e sexual, em especial no que tange os estudos de gênero na interface com a teoria e clínica psicanalítica.

## **Referências**

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2017). Estilo clínico ser e fazer: respostas crítico-propositiva a despersonalização e sofrimento social. *Boletim da Academia Paulista de Psicologia*, 37(92), 41-62.
- Arán, M. & Murta, D. (2009). Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. *Physis*, 19(1),15-41. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-73312009000100003>
- Ayouch, T. (2012). Genealogia da intersubjetividade e figurabilidade do afeto: Winnicott e Merleau-Ponty. *Psicologia USP*, 23(2), 253-274. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642012005000010>.
- Ayouch, T. (2015). Da transexualidade às transidentidades: psicanálise e gêneros plurais. *Percurso*, ano XXVII: junho, 23-32. Disponível em: <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-01498414/document>
- Bento, B. (2006). *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond.

- Birman, J. (2014). Os paradigmas em psicanálise, In J. Birman, D. Kupermann, E.L. Cunha & L. Fulgencio. (org.), *A Fabricação do humano: psicanálise, subjetividade e cultura* (pp.17-42). São Paulo: Zagodoni.
- Busnardo, J. O. M. (2012). *Contribuições de D. W. Winnicott para o campo da nosografia psicanalítica*. Dissertação de Mestrado, Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil.
- Butler, J. (1990/2003). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Butler, J. (2000). Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In G. L. Louro, (org.): *O corpo educado. Pedagogias da sexualidade* (pp.153-172). Belo Horizonte: Autêntica.
- Butler, J. (2004). *Undoing gender*. New York and London: Routledge.
- Butler, J. (2014). Regulações de gênero. *Caderno pagu*, (42), 249-274. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-8333201400420249>.
- Dias, E. O. (2003). *A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott*. Rio de Janeiro: Imago.
- Dias, E. O. (2008). A teoria winnicottiano do amadurecimento como guia da prática clínica. *Natureza Humana*, 10 (1), 29-46. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302008000100002&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302008000100002&lng=pt&tlng=pt)
- Freud, S. (1895/2016). *Obras completas, volume 2: Estudos sobre a histeria (1893-1895) em coautoria com Josef Breuer*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Freud, S. (1908/1976). *Edição standard brasileira das Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, volume IX. Grávida de Jensen e outros trabalhos (1906-1908)*. Rio de Janeiro: Imago.
- Fulgencio, L. (2014). A necessidade de ser como fundamento do modelo ontológico de homem para Winnicott. In J. Birman, D. Kupermann, E. L. Cunha & L. Fulgencio (org.), *A Fabricação do humano: psicanálise, subjetividade e cultura* (pp.145-159). São Paulo: Zagodoni.
- Jardim, J. G. (2016). *Deveriam os estudos queer falar em cis-heteronormatividade? Reflexões a partir de uma pesquisa sobre performatividade de gênero nas artes marciais mistas femininas*. In #4 Seminário Internacional de Educação e Sexualidade e

#2 Encontro Internacional de Estudos de Gênero. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo.

Kehl, M. R. (2008). *Deslocamentos do feminino*. 2a. ed. Rio de Janeiro: Imago.

Kristeva, J. (1982). *The Powers of Horror: an essay on abjection*. Nova York: Columbia University Press.

Kupermann, D. (2008). *Presença sensível: cuidado e criação na clínica psicanalítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Marchesini, A. L. S. (2010). *A constituição do si-mesmo: uma abordagem winnicottiana*. Dissertação de Mestrado, Pós-graduação em Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, Brasil.

McDougall, J. (1983). *Em defesa de uma certa anormalidade: teria e clínica psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Modé, R. (2022). A clínica e o ambiente seguro para o verdadeiro *self*. In J. Stona (org.), *Relações de gênero e escutas clínica*. Vol. II. Aracaju, SE: Afirmativa.

Morera, J. A. C. (2017). El dispositivo trans: sobre realidades, complejidades y subversiones al aparato cisheterossexual. *Revista Enfermaria Actual*, 32(1). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15517/revenf.v0i32.26129>

Nery, J. W. (2011). *Viagem solitária: memórias de um transexual 30 anos depois*. São Paulo: Leya, 336p.

Nery, J. W, Coelho, M. T. A. D. & Sampaio, L. L. P. (2015). João W. Nery – A trajetória de um trans homem no Brasil: do escritor ao ativista. *Periódicos*, 4(1),169- 178. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/peri.v1i4.15430>

Newman, A. (2003). *As idéias de D. W. Winnicott: um guia*. Rio de Janeiro: Imago.

Ogden, T. H. (2014). *Leituras criativas: ensaios sobre obras analíticas seminais*. São Paulo: Escuta.

Olson, K. R., Durwood, L., DeMeules, M. & McLaughlin, K. A. (2016). Mental Health of Transgender Children Who Are Supported in Their Identities. *Pediatrics*, 137(3), e 20153223. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26921285/>

Pinto, M. J. C., Bruns, M.A.T. & Zerbinati, J.P. (2020). Atenção à saúde da pessoa trans: compreendo vivências e construindo o cuidado. In Sociedade Brasileira de Psicologia, R Gorayeb, M. C. Miyazaki, M. Teodoro (org.). *PROPSICO Programa de Atualização em Psicologia Clínica e da Saúde: Ciclo 4* (pp. 73-104). Porto Alegre: Artmed. Disponível em: <https://portal.secad.artmed.com.br/artigo/atencao-a-saude-da-pessoa-trans-%E2%80%94-compreendendo-vivencias-e-construindo-o-cuidado>.

- Porchat, P. & Silva, G. F. (2010). Intervenções no corpo como marcadores de gênero no fenômeno transexual. *A peste*, 2(2),418-421.
- Porchat, P. (2012). Psicanálise, gênero e singularidade. *Revista faac*, 2(2), 195-202.
- Porchat, P. (2014). A transexualidade hoje: questões para pensar o corpo e o gênero na psicanálise. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(4), 115-126. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v48n4/v48n4a11.pdf>.
- Rezende, A. M. (1993). A investigação em psicanálise: exegese, hermenêutica e interpretação. In M. E. L. Silva (org.). *Investigação e psicanálise* (pp.103-118). Campinas, SP: Papirus.
- Silva, M. E. L. (1993). Pensar em psicanálise. In M. E. L. Silva (org.). *Investigação e psicanálise* (pp.11-25). Campinas, SP: Papirus.
- Silva, G. R. A., Barcelos, T. F. & Aiello-Vaisberg, T. M. J. (2022). Lutando para existir: experiência vivida e sofrimento social de pessoas transgêneras. *Revista Subjetividades*, 22(2), e12240. disponível em: <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v22i2.e12240>
- Tordoff, D. M., Wanta, J. W., Collin, A., Stepney, C., Inwards-Breland, D. J. & Ahrens, K. (2022). Mental Health Outcomes in Transgender and Nonbinary Youths Receiving Gender-Affirming Care. *JAMA Netw Open*. Disponível em: [10.1001/jamanetworkopen.2022.0978](https://doi.org/10.1001/jamanetworkopen.2022.0978)
- Travers, R., Bauer, G., Pyne, J., Bradley, K., Gale, L. & Papadimitriou, M. (2012). Impacts of Strong Parental Support for Trans Youth: A Report Prepared for Children's Aid Society of Toronto and Delisle Youth Services. *Trans PULSE Project*.
- Vaisberg, T. A. (2004). *Ser e fazer: enquadres diferenciados na clínica winnicottiana*. Aparecida-SP: Ideias e Letras.
- Winnicott, D. W. (1958/2000). *Da pediatria à psicanálise: obras escolhidas*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1965/2007). *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed.
- Winnicott, D. W. (1965/2011). *A família e o desenvolvimento individual*. 4a. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1970/2011). *Tudo começa em casa*. 5a. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1971/1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1972/2010).  *Holding e interpretação*. 3a. ed. São Paulo: Martins Fontes.

- Winnicott, D. W. (1984/2005). *Privação e delinquência*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1988/1990). *Natureza humana*, Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1988/2012). *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes.
- Winnicott, D. W. (1990/2005). *O gesto espontâneo*. 2a.ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Zerbinati, J. P. & Bruns, M. A. de T. (2018). A família de crianças transexuais: o que a literatura científica tem a dizer? *Pensando famílias*, 22(2), 37-51. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2018000200004&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000200004&lng=pt&tlng=pt)
- Zerbinati, J. P. & Bruns, M. A. de T. (2019). Transfobia: contextos de negatividade, violência e resistência. *Revista Periódicus*, 2(11), 195–216. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/peri.v2i11.28425>
- Zimerman, D. E. (2010). *Os quatro vínculos: amor, ódio, conhecimento e reconhecimento na psicanálise e em nossas vidas*. Porto Alegre: Artmed.